

EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS - VOL. 1



CBE 2022

**Maria Geralda de Miranda
Arlinda Cantero Dorsa
Katia Eliane Santos Avelar
Helena Portes Sava de Farias
Bruno Matos de Farias**



escrever INSTITUTO

epitaya
Editora

Maria Geralda de Miranda
Arlinda Cantero Dorsa
Katia Eliane Santos Avelar
Helena Portes Sava de Farias
Bruno Matos de Farias
(Organizadores)

EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E PROBLEMAS
CONTEMPORÂNEOS – VOL.1

1ª Edição



Rio de Janeiro – RJ
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação, tecnologia e problemas contemporâneos [livro eletrônico]: vol.1
/ Organizadores Maria Geralda de Miranda... [et al.]. – Rio de Janeiro, RJ:
Epitaya, 2022.
236p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87809-52-6

1. Educação. 2. Tecnologia educacional. 3. Prática de ensino. I. Miranda,
Maria Geralda de. II. Dorsa, Arlinda Cantero. III. Avelar, Katia Eliane Santos.
IV. Farias, Helena Portes Sava de. V. Farias, Bruno Matos de.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com.br>



Maria Geralda de Miranda
Arlinda Cantero Dorsa
Katia Eliane Santos Avelar
Helena Portes Sava de Farias
Bruno Matos de Farias
(Organizadores)

EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E PROBLEMAS
CONTEMPORÂNEOS – VOL.1



Rio de Janeiro – RJ
2022

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL	Bruno Matos de Farias
MARKETING / DESIGN DIAGRAMAÇÃO/ CAPA	Helena Portes Sava de Farias Bruno Matos de Farias
REVISÃO	A revisão de todos os textos publicados neste livro é de responsabilidade de seus autores

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Adriano Rosa - USU
Profa. Dra. Ana Maria Pires Novaes - FAETEC
Profa. Dra. Ana Valéria de Figueiredo da Costa - UERJ
Profa. Dra. Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima - UNESA
Prof. Dr. Jeferson Pistori - UCDB
Profa. Dra. Larissa Escarce Bento Wollz - UFRJ
Prof. Dr. Luis Carlos Ferreira - UNILAB
Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida - UCDB
Prof. Dr. Marcus Alexandre de Pádua Cavalcanti - UNISUAM
Profa. Dra. Marinei Almeida - UNEMAT
Profa. Dra. Marjolly Priscilla Bais Shinzato - UNIDERP
Prof. Dr. Mohammad Najjar - UFRJ
Profa. Dra. Marcia Cristina Pereira Spindola
Profa. Dra. Rebeca de Alcantara e Silva Meijer - UNILAB
Profa. Dra. Patrícia Maria Dusek - UNISUAM
Profa. Dra. Maria Alice Nunes Costa - UFF

APRESENTAÇÃO

O livro **Educação, Tecnologia e Problemas Contemporâneos, Vol. 1**, traz estudos e pesquisas em andamento, apresentados no Congresso Brasileiro de Educação, sobre diversas temáticas, que agora é fundamental discutir, em razão do avanço célere da era digital e dos desafios que ela coloca para as sociedades nas diversas áreas: produção, serviços, emprego, comunicação, educação e cultura, entre tantas outras.

No Ensino Superior, seguindo Pereira (2019), a partir dos anos 2000, ampliou-se o acesso de parcelas importantes da classe trabalhadora a essa modalidade de ensino. Foi quando assistimos a uma diversificação quanto à renda, origem escolar, cor e escolaridade dos pais do público que consegue acessar as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas, “porém muito aquém do que se possa denominar por massificação e/ou certificação em massa, conforme análise de Ristoff (2014)”.

Como também assinalou a autora, não é demais destacar o caráter histórico e profundamente elitizado do ensino superior brasileiro (PEREIRA, 2019). Mas é fato que a sua diversificação coloca problemas importantes que professores, pesquisadores e educadores precisam discutir visando sempre a inclusão de uma maior quantidade de alunos.

No Brasil, infelizmente, ainda convivemos com graves problemas como o analfabetismo e o analfabetismo funcional, o que impedem as pessoas de progredirem, e, em consequência, de terem mobilidade social.

É preocupante ver em nosso país que parte significativa dos alunos concluem os ensinos Fundamental e Médio sem o domínio de competências como ler e entender os sentidos de um texto. Assim como escrever com sentido. E esse problema acompanha o aluno para a universidade.

Claro está que precisamos pensar sobre muitos dilemas da educação brasileira e lutar para garantir políticas públicas educacionais que garantam a “instrução”, em sentido amplo, sobretudo em tecnologia, para que os estudantes consigam trabalhar e progredir. Vale dizer que a falta de computadores e acesso à internet deixou milhares de alunos de todos os níveis de ensino sem estudar em 2020 e 2021, quando o ensino passou a ser remoto, por causa da pandemia. O analfabetismo digital é também um grave problema e precisa ser discutido.

A Agenda 2030, por meio do Objetivo do Desenvolvimento 4, orienta os estados no sentido de assegurar a igualdade de acesso para todos os

homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo à universidade, bem como a orientação de que meninas e meninos completam o ensino primário e secundário que deve ser de acesso livre, equitativo e de qualidade, e que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes.

Assim, os organizadores desse livro esperam contribuir com estudos e pesquisas sobre diversos temas ligados à educação.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Larissa Dahmer. **Revista Flecha do Tempo**, São Paulo, n. 1, p. 67-86, jan./ jun. 2019. Disponível em: <http://flechadotempo.nemesscomplex.com.br/index.php/flechadotempo/article/view/52/17>. Acesso: 10 mar 2022.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. In: **Avaliação**. (Campinas), Sorocaba, v.19, n.3, p. 723-747, nov. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772014000300010&lng=en&nrm=isso. Acesso: 03 mar 2022.

Os organizadores

SUMÁRIO

COMUNICAÇÃO ORAL

EDUCACIÓN Y DERECHOS HUMANOS. DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS PARA AMÉRICA LATINA.....	11
<i>Grit Kirstin Koeltzsch</i>	
PROFISSIONALIZAÇÃO DE GUIAS DE ECOTURISMO PARA ÁREAS E PROTEÇÃO AMBIENTAL.....	17
<i>Marco Antônio Diniz; Francisco Alexandre Araújo Barros; Maria Geralda de Miranda</i>	
A GAMIFICAÇÃO E SEUS IMPACTOS NO COTIDIANO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	35
<i>Anne Caroline Silva Azevedo; Antony Thiago Silva; Luana de Castro Teixeira Bueno</i>	
ATITUDES DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM RELAÇÃO À MATEMÁTICA.....	39
<i>Dilson Henrique Ramos Evangelista; Cristiane Johann Evangelista</i>	
O TRABALHO DOCENTE E A ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	51
<i>Heidi Sirlei de Oliveira Lima; Maria Elizabete Souza Couto</i>	
PERCEPÇÕES SOBRE O COVID-19 EM TRABALHADORES EM ESPAÇOS EDUCATIVOS DA UNIVERSIDADE NACIONAL DE JUJUY, ARGENTINA.....	55
<i>Soledad Silvia Limpe; Ignacio Felipe Bejarano; Rafael Ángel Carrillo</i>	
LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO LEITOR: A LEITURA COMPARTILHADA COM O CONTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA.....	58
<i>Juciene Dias da Luz; Maria Elizabete Souza Couto</i>	
IMPACTO DO ENSINO SUPERIOR NA TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO SOBRE ECONOMIA CIRCULAR PARA O SETOR INDUSTRIAL.....	62
<i>Ricardo César Vieira da Silva Junior; Patricia Bilotta; Maria Geralda de Miranda</i>	
AS ATIVIDADES LÚDICAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: APONTAMENTOS INICIAIS.....	75
<i>Estefânia Coelho Chicarelli; Marcia Cristina Argenti</i>	

MULHERES NO ESPAÇO PENAL FEMININO DE TRÊS LAGOAS- MS: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A FORMAÇÃO E CULTURA HISTÓRICA...79	
<i>Michela Vanessa Crisóstomo Coimbra Martins; Jaqueline Aparecida Martins Zarbato</i>	
INFÂNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRELACANDO CONCEITOS.....91	
<i>Ariane Crociari; Marcia Argenti Perez</i>	
ECONOMIA CIRCULAR: DESAFIOS E IMPACTOS EM TEMPOS DE EXCLUSÃO SOCIAL E CRISE AMBIENTAL.....95	
<i>Waldirene de Cássia Dantas; Maria Geralda de Miranda</i>	
CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA ESCOLAR.....114	
<i>Admmauro Gommes; Walmir de Melo Ferreira; Janilson Sales; Greici Kelly Bellosso; Antônio de Souza Júnior; Luiz Alberto Machado</i>	
WEBQUEST NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO.....124	
<i>Nadielli Maria dos Santos Galvão</i>	
DETALHAMENTO ESTRUTURAL DA ARENA DA AMAZÔNIA – CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – UNISOCIESC/ CAMPUS JARAGUÁ DO SUL141	
<i>Natan Barnabé; Higor Borges; Denise Dias; Fellipe de Brum Quadros; Marielly Silva; Gabriele Volz Machado; Paula Roberta dos Santo; Bruno Matos de Farias</i>	
ROBÓTICA COM SUCATA: CONTRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....149	
<i>Lucas Portela Moraes</i>	
A EDUCAÇÃO NÃO - FORMAL: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO HUMANA DE JOVENS E ADULTOS.....160	
<i>Luciene R. S. Carvalho; Maria Elizabete Souza Couto</i>	
TESES RELACIONADAS A LABORATÓRIOS DE ENSINO DE MATEMÁTICA ENTRE OS ANOS DE 2010 A 2022.....164	
<i>Mayanne Brenda de Souza Sirqueira; Maria Clara Montel Gomes; Cristiane Johann Evangelista; Dilson Henrique Ramos Evangelista</i>	
O ELEMENTO ESTÉTICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....172	
<i>Thalles Campos Almeida</i>	

A FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE PARA O ENSINO HÍBRIDO: REFLEXÕES A PARTIR DOS PERIÓDICOS DA CAPES.....	179
<i>Joyce Frade Alves do Amaral; Marcelo Diniz Monteiro de Barros</i>	
A IMPORTÂNCIA DA METACOGNIÇÃO DURANTE A SIMULAÇÃO CLÍNICA: O SABER FAZER CONSCIENTE.....	189
<i>Katy Conceição Cataldo Muniz Domingues; Thais Lazaroto Roberto Cordeiro; Gerson Alves Pereira Júnior; Maurício Abreu Pinto Peixoto</i>	
ANÁLISE DOS SISTEMAS ESTRUTURAIS DA COBERTURA DO ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA - MANÉ GARRINCHA.....	194
<i>Gabriela Eduarda Corrêa; Paula Roberta dos Santos; Bruno Matos de Farias</i>	
SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	205
<i>Gerson Luíz de Carvalho Carrêra; Arthur Gonçalves Machado Junior</i>	

PÔSTER

MAPEAMENTO DE ESTUDANTES EGRESSOS COM ATUAÇÃO PROFISSIONAL EMPRESARIAL.....	219
<i>Danubia Gama Macedo; Katia Lorena Cardoso Sena; Ana Beatriz Schuindt do Amaral; Maíze Fraga Souza; Maria Eduarda Ramos de Queiroz; Nádia Cuiabano Kunze</i>	
ASPECTOS METACOGNITIVOS PRESENTES NA APRENDIZAGEM BASEADA EM JOGOS.....	222
<i>Luciana Rocha dos Santos; Katy Conceição Cataldo Muniz Domingues; Mauricio Abreu Pinto Peixoto</i>	
O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA EM TEMPOS DE AULA REMOTA-UM BREVE ESTUDO DE CASO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM SÃO MIGUEL DO GUAMÁ.....	224
<i>Samuel Pereira Campos; Ana Cristina da Silva</i>	

PETEATRANDO E A PROMOÇÃO DA SAÚDE POR MEIO DO LÚDICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	225
<i>Natália Liberato Norberto Angeloni; Daniel Borges Dutra; Victoria Laura Facin; Fernando Ribeiro dos Santos; Aires Garcia dos Santos Junior</i>	
PROMOÇÃO DA SAÚDE DE ADOLESCENTES: ARTICULAÇÃO DE SABERES ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA.....	228
<i>Pedro Augusto Pereira de Leiros Ferreira; Thalita Vitorino dos Santos; Paulo Matheus Loureiro Costa; Carolaine Pereira Barbosa Bernardo Cunha; Katy Conceição Cataldo Muniz Domingues</i>	
EGRESSOS DO IFMT QUE SÃO SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS: VERIFICAÇÃO POR MEIO DE SOFTWARE.....	230
<i>João Victor Brugnago de Rezende; Gabriel Felix da Silva; Matheus de Paula Abido; Graziano Farias de Souza; Ed Wilson Tavares Ferreira; Nádia Cuiabano Kunze</i>	
UNIVERSIDADE E COMUNIDADE: UMA PARCERIA DE SUCESSO NAS AÇÕES DE SAÚDE.....	232
<i>Caroline Pereira Barbosa Bernardo Cunha; Thalita Vitorino Dos Santos; Paulo Matheus Loureiro Costa; Pedro Augusto Pereira de Leiros Ferreira; Katy Conceição Cataldo Muniz Domingues</i>	
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PERFIL EXECUTADO POR UMA IES DO SUL DE MINAS GERAIS, ENTRE 2016 E 2021.....	234
<i>Waldecy Lopes Junior; Eric Batista Ferreira; Dalmo Arantes de Barros; Elisângela Monteiro Pereira; Eliane Garcia Rezende</i>	
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FLORESTA POR ALUNOS DE SEXTOS E NONOS ANOS DE ESCOLAS PÚBLICAS EM CARAJÁS PA.....	236
<i>Cláudio Gustavo Borges de Aguiar</i>	



EDUCACIÓN Y DERECHOS HUMANOS. DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS PARA AMÉRICA LATINA

Grit Kirstin Koeltzsch

UE-CISOR/CONICET-Universidad Nacional de Jujuy

Las bases de la educación, los derechos humanos, así como la promoción de la educación en derechos humanos (*Human Rights Education*) se declararon por primera vez a nivel internacional con la adopción de la Declaración Universal de los Derechos Humanos (DUDH) de las Naciones Unidas (1948) con los principios consagrados en el artículo 26 sobre el derecho a la educación. Cabe aclarar la circunstancia histórica en la cual nace la declaración, la mitad del siglo XX, luego de la Segunda Guerra Mundial, la situación colonial que aún no se había terminado, además, se inicia la Guerra Fría con nuevas confrontaciones a nivel internacional. Si bien es cierto que el documento se basa en la teoría eurocéntrica de lo que se entiende por derechos, deberíamos hacer hincapié en un hecho que no es de menor importancia, me refiero a la participación de mujeres en la construcción de la declaración, en particular, mujeres que podemos ubicar en el marco de una nueva coalición entre el Este y el Sur, o lo que también puede llamarse eje de la descolonización (BURTON, 2019). Si bien fue Eleanor Roosevelt quien obtuvo un papel importante como primera presidenta de la Comisión de Derechos Humanos, ella misma tuvo que enfrentarse a mujeres 'subalternas' quienes se impusieron en contra de ideas conservadoras defendidas por Roosevelt. Una de estas mujeres fue Minerva Bernardino, diplomática y líder feminista de la República Dominicana, cuyo aporte fue fundamental en las deliberaciones sobre la inclusión de la "igualdad de derechos de hombres y mujeres" en el preámbulo de la Declaración Universal de Derechos Humanos.¹ Además, participaron otras latinoamericanas, la brasileña Bertha Lutz y la uruguaya Isabel de Vidal, entre mujeres de la India, por ejemplo, Hansa Mehta a quien se le atribuye el mérito de cambiar la frase de "Todos los hombres nacen libres e iguales" a "Todos los seres humanos nacen libres e iguales" en el Artículo 1 de la Declaración Universal de Derechos Humanos.² Otra delegada de la India fue Lakshmi Menon, quien debatía con firmeza el concepto del "relativismo colonial", con el que se trataba de negar los derechos humanos a las personas que vivían en países sometidos a dominación colonial. En relación a la igualdad de derechos en el matrimonio desempeñó una función esencial Begum Shaista Ikramullah del Pakistán.

En este escenario, cabe mencionar a las participantes de Europa del Este, Evdokia Uralova, de la República Socialista Soviética de Bielorrusia, quien fue la Relatora de la Comisión de la Condición Jurídica y Social de la Mujer ante la Comisión de Derechos Humanos en 1947. Uralova fue la defensora firme en relación a la igualdad de salario para las mujeres y empujó

¹ <https://www.un.org/es/observances/human-rights-day/women-who-shaped-the-universal-declaration>.

² Ibidem.



para que se estipule en el artículo 23 lo siguiente: “Toda persona tiene derecho, sin discriminación alguna, a igual salario por trabajo igual”.³ Además, junto con Fryderyka Kalinowska, de Polonia, y Elizavieta Popova, de la Unión de las Repúblicas Socialistas Soviéticas, puso de relieve los derechos de las personas que viven en territorios no autónomos (Artículo 2). La participación de estas mujeres debe ser reconocida y destacada, ya que fue crucial para la articulación política de los derechos humanos como concepto inclusivo (ADAMI, 2015), pero también es un ejemplo de agencia femenina. Para el campo de la educación debe ser una inspiración y motivación para reflexionar críticamente, reconocer la importancia de los vínculos Este-Sur, pero también para plantearnos diariamente que la cuestión de los derechos humanos no puede quedar en un discurso simbólico.

Ahora bien, hoy en día se reconoce la universalidad de los derechos humanos, sin embargo, y trabajando desde nuestra posición del sur global, deberíamos plantearnos preguntas críticas acerca de ¿qué es lo humano en los derechos humanos?, ¿quién es el ser humano?, y ¿qué se entiende por derecho? Digo esto, para no caer en un discurso donde el ser humano es el centro del universo, separando el alma del cuerpo y donde se le da más importancia al alma que al cuerpo como se estipula en la tradición cristiana-occidental. Por lo tanto, ante cualquier análisis decolonial sobre los derechos humanos se necesita comenzar con la descolonización del concepto de humano lo que plantea Maldonado-Torres (2017, p. 117). Esto implica el análisis de lo humano y de los derechos humanos, por un lado, desde la perspectiva de la colonialidad del poder, del saber y del ser (CASTRO-GÓMEZ & GROSGOUEL, 2007; LANDER, 2000 y QUIJANO, 2000), y por el otro, incluir las voces femeninas que introducen otras ideas, por ejemplo, en relación al ser humano y la naturaleza, desde la perspectiva del ecofeminismo de Vandana Shiva (1988), la colonialidad interna, las mujeres andinas y el feminismo poscolonial de Silvia Rivera Cusicanqui (2010), y las teorías decoloniales de Gayatri Spivak (2003), para mencionar algunas. Sabemos que es una tarea que requiere no solamente la comprensión (*verstehen*), sino también reconocer otros conocimientos y la des-exotización del ‘Otro’ para llegar a una “visualización de los conocimientos subalternizados” (RESTREPO, 2007, p. 301).

En relación a la noción de derecho, Spivak (2004) nos plantea una teoría interesante en su texto “*Rightening Wrongs*” (“Corregir Errores”), donde plantea que si hablamos de ‘derecho’ o lo ‘correcto’ también deberíamos definir qué es lo equivocado. En este sentido, Spivak sostiene que, tener derechos (*rights*) implica hacer la referencia a un sujeto, sea individual o colectivo, mientras no existe un uso paralelo para lo opuesto (*wrongs*). Cuando analizamos la situación en el presente, cabe preguntarse ¿cómo podemos hablar de derechos humanos cuando se categorizan según ascendencia refugiados de guerra en la frontera exterior de la UE (Unión Europea)? En dicho momento, cuando pueden entrar a la UE más fácilmente

³ Ibidem.



las personas ucranianas y no los residentes de Ucrania con ascendencia de países de África o la India, solamente para mencionar un ejemplo de la actualidad. O sea, de repente se reconoce una ‘deuda’ con el pueblo ucraniano como europeos, antes de la guerra ignorados y tratados como ‘tercermundistas’, y ahora, ante el conflicto mayor de la guerra con la Federación Rusa, los gobernadores de Europa Central tratando de “corregir errores”. O como nos indica Spivak:

“Human Rights is not only about having or claiming a right or a set of rights, it is also about rightening wrongs, about being the dispenser of these rights. The idea of Human Rights, in other words, may carry within itself the agenda of a kind of social Darwinism – the fittest must shoulder the burden of rightening the wrongs of the unfit – and the possibility of an alibi (2004, p. 223-224).

Ahora bien, desde los planteos de Spivak se entiende que la cuestión no solamente es tener o reclamar derechos, también se trata de plantearnos las dimensiones de lo que llamamos derechos humanos, sobre todo para la educación considerando los acontecimientos históricos concretos en nuestra América, la subalternidad y la representación de los diversos sujetos poscoloniales. En relación al campo de la educación, se propone considerar el vínculo entre los derechos humanos y la educación a partir de tres dimensiones propuestas por Lohrenscheit (2002): 1.) La educación como derecho humano fundamental, 2.) los derechos humanos a través de la educación y 3.) los derechos humanos en la educación. Por un lado, esto requiere reflexionar críticamente sobre la situación del presente en el siglo XXI, indagar sobre la política de derechos humanos que a menudo nos lleva a los límites de la eficacia, considerando las crisis y conflictos mundiales, las guerras, los actos de terrorismo y los regímenes autoritarios, son sólo algunas problemáticas a tenerse en cuenta. Por el otro, destacar la importancia de entender la enseñanza de derechos humanos como proceso continuo de práctica, diálogo y comunicación para la formación de personalidades responsables dentro de la sociedad a nivel local, regional y global. Esto lleva a integrar los derechos humanos en la educación como un principio holístico con la activa participación de todos los involucrados.

Esto también nos exige retomar ideas sobre la corporificación de las palabras y la ética y estética en la educación planteados por Freire (2002). De esta manera revalorizar las prácticas culturales y aplicar una propuesta colaborativa entre educador y educado mediante un proceso de aprendizaje social basado en la responsabilidad, la percepción y la comprensión de la realidad. Así unir las tres dimensiones las cuales de alguna manera propone el Artículo 26, iniciando con el derecho a una educación básica gratuita, pero luego llegar a un nivel de comprensión y tolerancia hacia el ‘Otro’. Dicho artículo establece:



La educación tendrá por objeto el pleno desarrollo de la personalidad humana y el fortalecimiento del respeto a los derechos humanos y a las libertades fundamentales; favorecerá la comprensión, la tolerancia y la amistad entre todas las naciones y todos los grupos étnicos o religiosos, y promoverá el desarrollo de las actividades de las Naciones Unidas para el mantenimiento de la paz.⁴

De ahí sugiero repensar la educación de los derechos humanos en América Latina lo que significa para el educador asumir un compromiso social, tener en claro las limitaciones de un modelo colonial del sistema educativo y un imaginario feliz de los Derechos Humanos, sobre todo hacer el esfuerzo para deshacer estas estructuras. Enseñar con responsabilidad debe ser diferente al “adoctrinamiento de los niños en el nacionalismo, el discurso de la resistencia, el identitarismo” (SPIVAK, 2004, p. 563). Este enfoque nos debe llevar a comprender y reconocer el sujeto, pero el “sujeto viviente, corporal, intersubjetivo y prático” (ROSILLO MARTÍNEZ, 2016, p. 746).

Finalmente, creo que es necesario repensar los términos y el contenido de las conversaciones sobre la educación en derechos humanos colonial/decolonial, ir más allá de lo que ya sabemos sobre los derechos humanos, y en acuerdo con Becker (2021, p. 1), buscar “explorar los conocimientos pluriversales de los derechos humanos y problematizar los derechos humanos”. Es decir, deconstruir y repensar lo que significa el ser humano, porque solamente una humanidad pluriversal puede comprender los diferentes espacios-tiempos, las formas de ser-cuerpo, las diversas formas de pensar, reconocer múltiples conocimientos y compartir de manera pacífica el espacio que llamamos tierra.

Referências

ADAMI, R. On subalternity and representation: Female and postcolonial subjects claiming universal human rights in 1948. **Journal of Research on Women and Gender**, v. 6, p. 56-66, 2015.

BECKER, A. Decolonial human rights education: changing the terms and content of conversations on human rights. **Human Rights Education Review**, v. 4, n. 2, p. 49–68, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7577/hrer.3989>.

BURTON, E. Hubs of Decolonization. African Liberation Movements and ‘Eastern’ Connections in Cairo, Accra, and Dar es Salaam. En L. Dallywater, C. Saunders & H. A. Fonseca (eds.) **Southern African Liberation**

⁴ La Declaración Universal de Derechos Humanos (1948). Disponible en: <https://www.un.org/es/about-us/universal-declaration-of-human-rights>



Movements and the Global Cold War “East”: Transnational Activism 1960–1990. Boston, MA: De Gruyter, 2019, p. 25–56.

CASTRO-GÓMEZ, S. & GROSFUGUEL, R. (eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Universidad Javeriana y Siglo del Hombre Editores, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogía de la autonomía:** Saberes necesarios para la práctica educativa. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2002.

LA DECLARACIÓN UNIVERSAL DE DERECHOS HUMANOS (1948). Disponible en: <https://www.un.org/es/about-us/universal-declaration-of-human-rights>.

LANDER, E. (ed.). **La colonialidad del saber.** Eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas latinoamericanas. Caracas: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales (FACES-UCV); Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC), 2000.

LOHRENSCHEIT, C. Zum Zusammenhang von Menschenrechten und Bildung. **Zeitschrift für internationale Bildungsforschung und Entwicklungspädagogik**, v. 25, n. 4, p. 2-5, 2002. DOI: 10.25656/01.6196.

MALDONADO-TORRES, N. On the Coloniality of Human Rights. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 114, p. 117-136, 2017. DOI: 10.4000/rccs.6793.

QUIJANO, A. Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. **Nepantla: Views from South**, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.

RESTREPO, E. Antropología y colonialidad. En: S. GOMEZ CASTRO Y R. GROSFUGUEL (eds.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá de capitalismo global.** Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 289-304.

RIVERA CUSICANQUI, S. **Ch'ixinakax Utxiwa:** Una reflexión sobre las prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

ROSILLO MARTÍNEZ, A. Repensar derechos humanos desde la Liberación y la descolonialidad. **Direito & Práxis**, v. 7, n. 13, p. 721-749, 2016. DOI: 10.12957/dep.2016.21825

SHIVA, V. **Staying Alive.** Women, Ecology and Survival in India. New Delhi: Kali for Women y London: Zed Books, 1988.



SPIVAK, G. C. ¿Puede hablar el subalterno? **Revista Colombiana de Antropología**, v. 39, p. 297-364, 2003.

SPIVAK, G. C. Rightening Wrongs. **The South Atlantic Quarterly**, v. 103, n. 2/3, p. 523-581, 2004.



EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS VOL. 1

Maria Geralda de Miranda
Arlinda Cantero Dorsa
Katia Eliane Santos Avelar
Helena Portes Sava de Farias
Bruno Matos de Farias

escrever INSTITUTO

epitaya
Editora



CBE 2022

ISBN: 978-65-87809-52-6



9 786587 809526